

# A atuação das Chatas Artilhadas no decorrer da Guerra do Paraguai\*

## The performance of cannon-carrying barges in the course of the Paraguayan War

**Aldeir Isael Faxina Barros**

*Gestor em Agronegócios e acadêmico do curso de Agronomia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).*

### RESUMO

O presente artigo visa demonstrar a utilização das chatas artilhadas durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), desde sua estreia no campo de batalha, passando pela utilização delas pela armada brasileira e o encerramento de sua operacionalidade devido às mudanças nas características das lutas, tidas após o abandono da fortaleza de Humaitá. Em uma ordem cronológica, são apresentadas todas as principais batalhas e os fatos que compõem a bibliografia estudada em que tomaram parte tal invento de guerra. Seus pontos fracos e fortes são evidenciados no decorrer dos combates que se deram nos Rios Paraná e Paraguai.

**PALAVRAS-CHAVE:** Batalha do Riachuelo; Marinha; artilharia naval

### ABSTRACT

This article aims to demonstrate the use of artillery barrage during the Paraguayan War (1864-1870) since its debut on the battlefield, through the use of the same by the Brazilian Navy and the closure of its operation due to changes in the characteristics of struggles, taken after the abandonment of Humaitá fortress. The main battles and events that made up this new style of combat are presented in chronological order. Their strengths and weaknesses are highlighted in the course of the battles that took place on the Paraná and Paraguay rivers.

**KEYWORDS:** Riachuelo Battle; Marine; naval artillery

### INTRODUÇÃO

A palavra “chata” no dicionário Houaiss<sup>1</sup> de língua portuguesa possui os seguintes significados:

“Embarcação rude de pequeno calado, fundo chato e costado baixo, formato quadrangular, com ou sem propulsão própria. Uso para dragagem, transporte de carga (ger. granéis) em rios e águas interiores etc.”<sup>2</sup>

“Embarcação fluvial de madeira sem propulsão própria, pequeno calado e quase sem borda-livre, artilhada com uma boca de fogo, empregada pela Marinha de Guerra paraguaia contra a Marinha Imperial brasileira no século XIX.”<sup>3</sup>

\* Artigo recebido em 22 de abril de 2015 e aprovado para publicação em 12 de junho de 2015.



O referido dicionário emprega primariamente o termo de embarcação auxiliar usada em ambiente civil ou para transporte de objetos variados em campanha, e em seguida o termo militar se referindo especificamente às belonaves inventadas e utilizadas pela marinha paraguaia na contenda de 1864.

Para ter-se uma ideia do que eram esses verdadeiros monitores de madeira como dissera Arthur Silveira da Motta<sup>4</sup>, basta se utilizar de fontes da época como George Thompson<sup>5</sup>, referindo-se à composição da frota paraguaia em Riachuelo:

“Havia também seis barcos de fundo chato, cada um com um canhão de 8 polegadas. Estas canhoneiras não tinham coberta e eram apenas do tamanho suficiente para suportar o canhão e a guarnição dele. Ficavam cerca de um pé acima da água, e eram de proa dupla, construídas de duas camadas de pranchas diagonais, com duas polegadas de espessura. Somente navegavam a reboque. Eram chamadas chatas.”<sup>6</sup>

Uma descrição mais detalhada é dada por Antônio Luis Von Hoonholtz<sup>7</sup>, posteriormente agraciado com o título de Barão de Teffé, participante da Batalha do Riachuelo. Escreve à sua família citando as chatas:

“Figura-te um grande e posante batelão de fundo chato, tendo convés a proa e a ré, e uma abertura no meio, como um poço de 2 metros de profundidade; nesse fundo assenta um trilho circular sobre o qual gira a carreta do enorme canhão, cuja boca (estando o eixo da alma, horizontal) fica pouco mais de um palmo acima da superfície do rio e às vezes a babujar na água. As pontarias podem ser em elevação e em todas as direções do horizonte. Assim carregadas, as embarcações estavam quase submersas, e no poço do rodízio se abrigava a guarnição que comunicava-se com os paióis de munições sem expor-se. Só uma bomba atirada por elevação ou o casual ricochete de uma bala

podem inutilizar alvo tão difícil de atingir, ao passo que seus artilheiros tranquilamente girando a carreta não deviam errar um tiro.”<sup>8</sup>

Vários outros autores como Louis Schneider<sup>9</sup>, Francisco Felix Pereira da Costa<sup>10</sup>, Visconde de Ouro Preto<sup>11</sup>, Arthur Silveira da Motta<sup>12</sup>, Richard Francis Burton<sup>13</sup> e Juan Crisostomo Centúrión<sup>14</sup> corroboram com essas definições. As chatas que eram baterias flutuantes foram utilizadas na história no Sítio de Gibraltar em 1782, onde foram ineficientes devido ao sistema de proteção delas não funcionarem contra as balas vermelhas (projéteis de artilharia previamente aquecidos), todas foram destruídas pelos canhões inimigos ou para evitar sua captura. Na Guerra da Crimeia 1853-1856, devido à necessidade de embarcações de pequeno calado para bombardear as fortalezas russas litorâneas, foram idealizadas e construídas baterias flutuantes que inicialmente seriam cobertas com caixas de projéteis de canhão, porém chapas de ferro foram adicionadas ao casco prestando excelentes resultados. Três delas (*Lave, Tonnant e Devástation*) de construção francesa entraram em operação antes de findar o conflito e causaram severos danos ao forte russo de Kinburn. Essas baterias flutuantes serviram para o ataque a posições que, no caso paraguaio, será utilizado também para a defesa, apesar de não possuírem couraça.

## **CONSTRUÇÃO DAS CHATAS**

O invento e a construção desses engenhos de guerra, segundo afirma César Cristaldo Domínguez<sup>15</sup>, são creditados ao engenheiro paraguaio Desidério Trujillo, o qual foi estudar em estabelecimentos europeus graças ao projeto de envio de parte da juventude paraguaia pelo então Presidente Carlos Antônio López. Provavelmente a construção das embarcações se iniciou no ano de 1861-1862 devido à precariedade da Marinha paraguaia e aos constantes desentendimentos na Bacia do Prata. Tais embarcações eram fabricadas de madeira rígida, como o Lapacho (*Tabebuia avellanadae*), possuíam leme para facilitar seu reboque por vapores.

As chatas deveriam ser utilizadas a reboque de navios, os quais as largariam em posições favoráveis, como um banco de areia ou uma margem rasa, onde através de cabos ou âncoras se fixavam. O armamento era um único canhão de calibre 8 polegadas, de alma lisa. A tripulação oscilava em torno de 6 a 8 homens que ficavam protegidos pelo porão da chata.

### **FORTE DE COIMBRA (BATISMO DE FOGO)**

Assim que o Navio *Marquês de Olinda* foi apresado acima de Assunção, foi posta em prática a invasão da província do Mato Grosso por uma coluna terrestre e outra fluvial como assinala George Thompson. O autor indica que dois batelões de fundo chato (chatas) armados com peças de 8 polegadas compunham a expedição. Louis Schneider, em sua obra anotada pelo Barão do Rio Branco, descreve o aparato naval utilizado pelos paraguaios contra o Forte Coimbra: "A expedição compunha-se dos seguintes vasos (*Semanário*): vapores: *Tacuary, Paraguary, Igurey, Rio blanco, Yporá*, escunas: *Independência e Aquidaban*, patacho: *Rosário*, Lanchões: *Humaitá e Cerro Leon*."<sup>16</sup>

Dias após incorporaram-se mais três vapores, a saber: *Marquês de Olinda, Rio Apá e Salto de Guayrá*. Ambas as embarcações bombardearam o forte. No Jornal satírico paraguaio *Cabichuí*<sup>17</sup>, pode-se constatar a presença das chatas artilhadas na publicação nº 69 do ano de 1867, onde o forte de Coimbra aparece cercado por tropas inimigas, e do lado direito do desenho duas chatas lançam suas bombas dentro do forte. Essas, ao que tudo indica, foram retiradas do teatro de operações do Mato Grosso. Depois que o forte e as diversas povoações foram abandonados, rumaram novamente ao Paraguai, em que seriam utilizadas em mais renhidos combates.

### **RIACHUELO**

A Marinha imperial que bloqueava a entrada e a saída de embarcações inimigas pelo Rio da Prata foi acometida em uma manhã de domingo (11 de junho de 1865)

pela esquadra paraguaia, quando estava ancorada em um ponto próximo à cidade de Corrientes. Tal ataque sofreu alguns contratempos, como: avarias de navios ao longo do caminho, o que resultou na mudança do plano original que era abordar os navios brasileiros ainda atracados e tomá-los a arma branca, para assim incorporá-los a armada paraguaia. Os navios paraguaios em número de 8 vinham com reforço de homens do exército para abordagem, além de 6 chatas virem rebocadas.

Segundo o Barão de Teffé<sup>18</sup>, as chatas só foram incorporadas a expedição depois de o Marechal Francisco Solano López examinar o croqui do local do combate. Assim determinou a posição da bateria de terra onde o General Brugués assestaria seus canhões e Robles, sua fuzilaria, e que as chatas fossem ancoradas em uma localidade onde pudessem bater qualquer navio brasileiro que ousasse escapar da abordagem. Esse fato foi proferido pelo maquinista do *Marquês de Olinda*, Gibson, inglês a serviço do Paraguai, após ser capturado.

O Comandante Pedro Ignacio Mezza decidiu pelo ataque mesmo após ter deixado um navio danificado na ilha do Cerrito (*Paraná*) e outro (*Iberá*) nas Três Bocas (confluência dos rios Paraná e Paraguai), também avariado, assim com os oito navios restantes e seis chatas, a esquadra desceu rapidamente a favor da corrente, passando velozmente pelos navios brasileiros, mas não sem sofrer severos danos, as chatas e navios paraguaios ao descer dispararam uma salva de tiros de bala rasa. De acordo com o plano original, as chatas teriam de ser deixadas em um ponto (Volta do Riachuelo) e os navios subiriam para a abordagem. Mezza decidiu descer ainda mais o rio para ficar ciente dos danos que havia sofrido sua frota. Assim que soube, o mesmo decidiu colocar os navios e chatas embaixo da bateria de Brugués, em que esperou a esquadra brasileira cair na emboscada.

O desenrolar da batalha foi confuso devido à precariedade da comunicação, a maioria das chatas ficaram amarradas à margem, mas é provável que uma ou mesmo duas tenham sido rebocadas para o meio do combate, afirmação corroborada

pelo abalroamento de uma das chatas pela fragata *Amazonas* já próximo do fim do embate. Sendo a *Amazonas* uma embarcação de grande tonelagem e calado, é pouco provável que a chata estivesse amarrada à margem no momento de sua destruição.

Nota importante dá o Barão de Teffé assinalando que logo no início da batalha a *Belmonte* tem seu costado arrombado por uma bomba disparada de uma chata, acertando em sua linha de flutuação pelo que seu comandante teve de encalhá-la propositalmente em um banco de areia próximo à ilha do Cabral para não soçobrar.

Referente aos danos provocados pelas chatas Teffé deixa escrito:

“Foi uma chata que inutilizou a *Belmonte* logo no principio da ação; e a bala de outra produziu o maior rombo que sofreu o costado da *Araguary*, quase ao lume d'água, mas com tanta sorte para mim que penetrou justamente na carvoeira onde morreu abafada pela moinha.”<sup>19</sup>

Euzébio José Antunes<sup>20</sup>, ajudante de ordens do Almirante Tamandaré, utilizando-se do diário do Almirante Barroso, deixou assinalados os danos sofridos pela fragata *Amazonas* em Riachuelo pelas chatas: “O *Amazonas* está crivado de balas de grosso calibre das chatas. Uma delas partiu o cabeço onde estava o ferro da roça”<sup>21</sup>. As chatas que estavam armadas com as maiores peças da esquadra paraguaia disparavam em nível d'água, provocando rombos nos costados das embarcações, quando estas faziam evoluções às chatas golpeavam sem cessar, enquanto o alcance de suas peças permitia.

Após as investidas da *Amazonas* nos navios paraguaios, uma chata foi canhoneada e abalroada por essa própria fragata, outra foi afundada a tiros, as outras quatro foram tomadas, amarradas à margem pela *Araguary* durante a madrugada. Uma das afundadas foi reflutuada, somando-se cinco as chatas capturadas em Riachuelo e uma completamente destruída. Levando em consideração a pequena tripulação, um único canhão utilizado, baixo custo e rapidez de produção, as chatas representavam impor-

tantes meios de ataque e defesa. Somente o fato das chatas terem posto fora de combate uma canhoneira, a hélice como a *Belmonte* no início da batalha já demonstra sua utilidade em uma guerra fluvial com as características dos rios Paraná e Paraguai.

## AS CHATAS ETERNIZADAS ATRAVÉS DA ARTE

A pintura histórica tem por objetivo retratar um fato, este colocado em uma tela e preservado pode dizer muito sobre o período e o contexto que foi desenhado. No âmbito da Batalha Naval do Riachuelo, diversos quadros, desenhos e gravuras foram feitos. Os que mais são conhecidos popularmente são os de Victor Meirelles de Lima e Eduardo de Martino, pintores do império brasileiro que foram contratados para eternizar grandes feitos da Marinha Imperial; ambos foram ao teatro de operações, ficaram meses estudando o clima, o terreno, os objetos, os corpos, a rotina, para compor suas obras.

Na tela de Victor Meirelles, duas chatas aparecem ao lado da fragata *Amazonas*, ainda tripuladas e em meio à batalha; uma encontra-se mais ao fundo disparando para um navio brasileiro, em direção oposta a que está mais à frente. A bandeira paraguaia tremula em ambas as embarcações, as chatas estariam atracadas à margem do rio, embaixo da bateria de Brugués, porém, ao que tudo indica, ao menos duas foram rebocadas por vapores a alguma parte mais profunda do rio, se colocando próximo aos navios e disparando a lume d'água seus possantes canhões.

Na obra do marinheiro e pintor italiano Eduardo de Martino, as chatas provavelmente são os três batelões à esquerda e ao fundo do quadro embaixo do barranco onde está assestada a artilharia, na qual se vê grande número de pessoas e a bandeira paraguaia tremulando em um mastro; na primeira chata, se vê a mesma bandeira na popa da embarcação, a terceira chata mais ao fundo está envolta em uma nuvem de fumaça, talvez de uma detonação do pesado canhão que carregava ou mesmo um impacto que sofreu (uma das chatas foi destruída no combate).



Figura 1: Victor Meirelles, Combate Naval do Riachuelo. Óleo sobre tela. 8,20m x 4,20m. 1882, Museu Histórico Nacional, RJ.



Figura 2: Eduardo de Martino. Batalha Naval do Riachuelo. Óleo sobre tela. 1870. Museu Histórico Nacional, RJ.

A última tela estudada neste trabalho demonstra, como nas anteriores, a inserção das chatas no combate naval do Riachuelo, abaixo à esquerda do quadro a fuzilaria de Robles assestada na bar-

ranca e do lado direito uma chata com a bandeira paraguaia à popa, com os tripulantes fazendo pontaria em direção à fragata *Amazonas*, a qual esta abalroando um navio inimigo.



Figura 3: Anônimo. "Batalha do Riachuelo". Museu Naval e Oceanográfico. RJ.

### **CUEVAS E MERCEDES**

Com as colunas de Robles e Brugués deslocando-se com o intuito de bloquear a esquadra brasileira, a esquadra foi forçada a deslocar-se rio abaixo, enfrentando inicialmente o passo de Cuevas, em que fuzilaria e artilharia castigaram-nos, aí foi perdida uma chata levada a reboque por ter-se enchido de água. Após essa primeira descida, de bordo da *Araguary* observa-se que os paraguaios estão novamente artilhando outra barranca, denominada Mercedes. Assim é deliberada nova descida, segundo instruções a *Belmonte* levaria atracada a *Parnaíba* por ter o leme partido devido ao combate do Riachuelo, quatro canhoneiras às quatro chatas restantes, além de acompanhados de uma embarcação argentina (*Guardia Nacional*), Teffé colocou dois homens na chata que rebocavam. Caso algum sinistro acontecesse, eles a levariam usando o leme, rio abaixo, evitando que caísse nas mãos das forças inimigas.

### **URUGUAIANA E ALTO URUGUAI**

O Comandante Antonio de La Cruz Estigarribia desobedecendo às ordens do Marechal Lopez se entrincheira na cidade de

Uruguaiana RS, o mesmo é cercado por terra e pelo Rio Uruguai por pequenos vapores, os quais logo são reforçados com as seguintes belonaves: *Maracanã*, *Taquari*, *União*, *Onze de Junho*, *Uruguay* e duas chatas armadas. Estas chatas foram destinadas a se estabelecer no canal, evitando a fuga dos paraguaios em canoas e batelões e auxiliando no bombardeio efetuado por terra e rio, até a praça se render. Após esse desenlace, segundo Euzébio<sup>22</sup>, foi estabelecido pelo Almirante Tamandaré que uma força naval composta pelos seguintes navios: canhoneiras *Araguai* (não confundir com a *Araguary*), *Maracanã*, *Taquari*, *Tramandaí*, *Onze de Junho*, cinco chatas armadas, e a lancha da corveta *Niterói*, baixo comando do capitão de fragata Vitório José Barbosa da Lomba, se estabelecessem em Montevideu com o fim de transportar a força de terra de Montevideu ao Dayman, e do referido ponto até Concórdia.

### **ITAPIRÚ (GUERRA DAS CHATAS)**

A esquadra aliada tomando posição nas Três Bocas iniciou combate com o forte de Itaipirú, objetivando o desembarque em território inimigo na região do Passo da Pátria. Nesse local a Marinha Imperial teve no-

vamente de lutar com as chatas, diferente de Coimbra e Riachuelo, a armada sofrera mais danos em pessoal e material, devido às características topográficas e estratégicas empregadas nesta fase.

Thompson dá a seguinte descrição do ponto fortificado:

“Itapirú (pedra seca), que os aliados tornaram importante dando-lhe o nome de fortaleza, e que consideraram necessário arrasar completamente antes de tentarem atravessar o rio era uma velha posição de bateria, construída no começo do reinado de Lopez I, sobre um pequeno monte de areia, que se projetava no Rio Paraná, e que tinha por base uma pilha de rochas vulcânicas. Armada com um canhão raiado, de campanha, calibre 12, estava revestida de tijolos, e um dos lados ruirá. Seu maior diâmetro inteiro era de trinta jardas; ficava cerca de vinte pés acima do rio. Se a posição fosse armada com artilharia raiada de grosso calibre, poderia ter sido de alguma utilidade; mas tal como era servia apenas de espantalho aos aliados.”<sup>23</sup>

Mais adiante, o mesmo autor refere-se à tomada da ilha da Redenção que: “No dia seguinte a ocupação pelos brasileiros, López fez instalar em Itapirú um canhão de oito polegadas e em seguida outro, alguns dias depois.”<sup>24</sup> Próximo ao Forte de Itapirú havia um canal formado por pedras que serviam de abrigo ao vapor paraguaio *Gualegay* (tomado dos argentinos) e duas chatas, que entrariam logo em ação contra a Marinha Imperial.

A chamada “Guerra das Chatas” durou aproximadamente um mês, tendo seu início em 22 de março de 1866 e término com a invasão do Paraguai, através do desembarque no Passo da Pátria. Esse período é coroado por muitas ações, majoritariamente iniciadas pelos paraguaios que audazmente iniciavam combate com apenas uma chata rivalizando com diversos navios inimigos, inclusive encouraçados.

O início dos combates se deu quando duas chatas atiraram aos navios que des-

ciam o Paraná, tendo ido prestar socorro à canhoneira *Araguay* que estava encalhada, o fogo não foi correspondido. No dia seguinte (23), uma chata saiu da enseada com a ajuda de cabos presos à margem e principiou a fazer fogo. Logo em seguida o *Gualegay* tomou posição para observar a esquadra, retornando ao canal, tomando a chata a reboque e posicionando-a de modo a fazer fogo eficientemente, a vanguarda dos navios principiou a atirar em ambos, que se retiraram.

Os navios brasileiros tinham de atirar contra as chatas, o forte, baterias volantes, fuzilaria mascarada na mata e o vapor *Gualegay*, que armados com dois canhões de pequeno calibre se aventurou a atirar contra a esquadra. No dia 25 de março, uma chata atirando contra o vapor *Apa* (capitânia do almirante) foi canhoneada pelo encouraçado *Tamandaré* e mais três vapores de madeira, alguns escaleres foram guarnecidos para tomar a chata por abordagem, quando os mesmos chegaram perto, foram surpreendidos por força de infantaria na margem, que disparando fizeram-no retroceder, o *Tamandaré* aproximou-se da chata acertando uma bomba em seu paiol, destruindo-a, seu canhão não sofreu dano e foi posteriormente recuperado pelos paraguaios.

No dia 27 do mesmo mês, outra chata foi rebocada pela manhã no mesmo local da destruição da primeira, seu objetivo era atirar contra uma expedição naval que havia subido o Paraná, o *Tamandaré* e o *Bahia* a foram combater, logo entrando em ação o forte de Itapirú, ou melhor, dizendo, as peças que estavam colocadas entre as ruínas de outrora posição fortificada, pelas 16h00min, o *Tamandaré* havia recebido ordem de se retirar ao fundeadouro, manobra que executava voltando de ré, devido à estreiteza do canal, quando segundo o Jornal do Comércio:

“Estava já a bastante distância do forte e da chata, quando uma bala do forte alcançou o vapor e penetrando por uma portinhola ou abertura da frente da casamata, foi causar dentro dela um doloroso estrago. A bala ao entrar arrancara e convertera em projéteis as correntes que defendiam a por-

tinholas, e a própria bala, dando e rebotando de uma parede a outra da casamata, como que se multiplicou infinitamente. Das 50 a 60 pessoas que havia na casamata 34 foram feridas ou mortas."<sup>25</sup>

Muitas pessoas estavam a observar o combate na sala de armas, para diminuir a entrada de estilhaços pelas grandes aberturas das portinholas de tiro dos navios casamatados, foram instaladas cortinas de correntes, que se transformaram em projéteis devido ao impacto. Dentre os mortos figurou Antônio Carlos de Mariz e Barros, comandante do navio e filho do Vice-Almirante Inhaúma. Nesse início dos combates os artilheiros paraguaios, segundo Jaceguay, objetivaram atirar nas casamatas e torres de artilharia, locais onde existiam aberturas para os canhões, mas que em contrapartida eram os mais bem protegidos, nas operações do Tebiquary e Angostura, os couraçados enfrentaram maiores danos em suas estruturas pela mudança de mira dos artilheiros, objetivando partes menos protegidas.

No livro do Doutor Carlos Frederico<sup>26</sup>, nos combates dos dias 27 e 28 de março, está descrito um número relativo de feridos dos quatro encouraçados que se empenharam em combate, tais ferimentos majoritariamente se deram por estilhaços que adentraram pelas portinholas das embarcações em combate com as chatas, o *Barroso* teve um canhão destruído no dia 28. Os encouraçados foram fortemente atingidos pela artilharia das chatas e do forte, o *Barroso* e o *Bahia*, por exemplo, receberam nesse período 39 e 20 impactos, respectivamente, diretamente de peças de calibre 80, rachando chapas e abalroando o madeiramento, apesar de não haver indícios de perfuração da blindagem.

## COMBATE DA ILHA DA REDENÇÃO

Banco de areia coberto por junco em frente ao forte de Itapirú na ilha da Redenção ou posteriormente como ficou conhecida: a do Cabrita, pelo falecimento de Engenheiro Carlos Vilagran Cabrita, foi o primeiro território paraguaio a ser conquistado por forças alia-

das, ali montou-se uma bateria com o objetivo de bombardear o forte paraguaio. André Rebouças em seu livro<sup>27</sup> dá interessantes detalhes de como foi a ocupação e permanência neste lugar sempre sob fogo inimigo.

O exército paraguaio tomou como missão retomar a ilha, missão quase que impossível de ser tentada e ainda mais de ser mantida, por causa da força naval que prestava apoio aos combatentes da ilha, incluindo encouraçados. Mesmo contra todas as expectativas, levadas de soldados em canoas desembarcaram na ilha, onde se travou uma luta porfiada, com o auxílio da esquadra, os atacantes foram vencidos e já quando o dia se mostrava, o forte em conjunto com uma chata começou a atirar contra os navios brasileiros, provocando danos na *Henrique Martins* que teve de encalhar para tapar os buracos recebidos (COSTA)<sup>28</sup>.

Os combates desiguais com as chatas ao mando do Tenente José María Farinã (proclamado herói de "los lanchones") com os navios aliados, segundo Thompson<sup>29</sup>, influenciaram no moral das tropas paraguaias que viam nos combates às margens do Passo da Pátria a esperança para continuar-se a luta. Com o desembarque aliado, a guerra das chatas tem o seu fim no dia 16 de abril, o vapor paraguaio *Gualegay* foi posto a pique pelos paraguaios, sendo encontrado no dia 23 do mesmo mês, a grande atuação das chatas acabara de findar-se, mais adiante as mesmas terão um papel mais tímido nos combates.

## INVASÃO DO PARAGUAI

Pereira da Costa nas páginas referentes à transposição do exército com o intuito de pisar em solo paraguaio no Passo da Pátria, indica a presença de chatas utilizadas pela armada brasileira para entreter e criar uma manobra diversionista para o desembarque seguro do exército pelo Rio Paraguai:

"Às 7h da manhã a esquadra brasileira, de 17 vasos, além de duas chatas, formou uma extensa linha desde a boca do Paraguai até acima de Itapirú: corveta *Magé*, canhoneiras *Ivahy*, *Iquatemy*, *Ypiranga*, *Araguary*, *Greenhalg*, *Chuy*;

encouraçado *Brasil*, dito *Bahia*, corveta *Parnayba*, canhoneira *Mearim*, duas chatas com peça de 68, encouraçado *Tamandaré*, dito *Barroso*, corveta *Belmonte*, canhoneiras *Itajaí* e *Henrique Martins*.<sup>30</sup>

Tal linha de navios, disposta em várias localidades especiais visando bombardear o forte de Itapirú e estradas que serviriam para o rápido deslocamento de partidas volantes destinadas a conter o desembarque, as chatas serviram como apoio de fogo naval bombardeando e metralhando a margem em cooperação com o exército. Enquanto o bombardeio ocorria, os transportes rapidamente se deslocaram para o Rio Paraguai e desembarcaram as tropas e petrechos bélicos.

## **CURUZU**

Assim que as embarcações sondaram o rio após a invasão do Passo da Pátria, o grosso da esquadra estacionou abaixo da ilha de Curuzu, o plano era tomar a posição do mesmo nome, desembarcando tropas abaixo do ponto com anterior preparação do terreno através de um nutrido bombardeio da esquadra. Para tanto, além de muitas embarcações incorporadas a esquadra nesse período como bombardeiras e encouraçados, duas chatas foram armadas com morteiros franceses calibre 10  $\frac{3}{4}$  polegadas e outra com calibre 80 libras para participar das ações subsequentes.

As três chatas foram numeradas respectivamente 1, 2, 3. O fogo foi nutrido tanto para Curuzu como para Curupaity, que mesmo antes da primeira ser tomada já sofria os bombardeios dos navios, quer a distância por elevação, quer de frente com metralha, pelos encouraçados que se postavam quase encostados às baterias para disparar. Para a tomada da primeira depois de dois dias de bombardeio e com a perda do encouraçado *Rio de Janeiro* afundado por um torpedido (mina), o exército avança, vencendo e se apoderando do terreno com grandes perdas humanas. Em ordem do dia número 7, redigida pelo Almirante Tamandaré, as chatas e seus comandantes são elogiados pelo bombardeamento a que prestaram.

## **CURUPAITY**

Os exércitos aliados não dispoem de um comando efetivo real, pois existia uma grande rivalidade e disputa entre exércitos e mesmo dentro deles, não souberam usar a vitória de Curuzu, e logo em seguida investir contra Curupaity, que nas palavras de Thompson seria facilmente tomada. Dias após Curuzu o Marechal López pede uma conferência com Bartolomeu Mitre, então comandante em chefe dos exércitos aliados, para alguns pesquisadores foi uma maneira de terminar a guerra, para outros uma forma de ganhar tempo para completar as defesas da praça forte de Curupaity, o certo é que deu resultado! Na investida ocorrida no dia 22 de setembro, grande derrota aliada.

As chatas com morteiros coadjuvaram o bombardeio nesse catastrófico dia para a aliança, foram dispostos em linha, próximas à margem do Chaco. Outras embarcações se colocaram mais próximas ao forte para melhor dirigir suas pontarias, e alguns navios mesmo em frente às peças principais, como foi o caso do *Bahia*, *Barroso* e *Brasil*, tendo este último de regressar ao Rio de Janeiro após o combate para trocar toda a couraça de estibordo, devido aos inúmeros impactos recebidos. A canhoneira *Parnaíba* levava a reboque a chata nº 3 comandada pelo Tenente Carneiro da Rocha, efetuou disparos diretos no dia 22, acompanhando a investida dos encouraçados, a qual foi elogiada pela ação no referido dia.

## **SOB O COMANDO DO VISCONDE DE INHAÚMA**

Após a derrota de Curupaity, um momento de relativa inação tomou conta das forças aliadas, a esquadra nesse período sempre realizou sondagens e bombardeios leves contra essa posição e o acampamento do exército paraguaio, mas nada de grande envergadura. Com a nomeação do Vice-Almirante Joaquim José Ignácio a comandante das forças navais em operação no Paraguai, os bombardeios se reavivaram, a lagoa Pires serviu de base para a colocação de pequenos vapores e chatas que bombardeavam o acampamento inimigo.

Um grande reconhecimento foi efetuado sob o comando do próprio vice-almirante no dia 02/02/1867 com todos os encouraçados disponíveis (nove) e vários navios de madeira, ocupando um destes o próprio almirante, duas chatas com morteiros, ancoradas na margem do Chaco e outra na lagoa, efetuaram em conjunto com o restante da força naval um grande bombardeio contra Curupaity, sofrendo alguns danos nos navios e guarnições, desta última cabe ressaltar a perda do comandante do *Silvado*, o Capitão-Tenente Manoel Antonio Vital de Oliveira, patrono da hidrografia.

### FORÇAMENTO DE CURUPAITY

Com o prolongamento da guerra a opinião pública sobre o conflito se transformava, e cada vez mais medidas enérgicas eram cobradas por parte da esquadra, Mitre que ocupava o cargo de comandante em chefe dirigiu a Caxias a ordem de forçamento do passo de Curupaity e Humaitá de uma vez, objetivando o isolamento desta última, daí seguiu-se uma série de trocas de correspondências. O que se culminou depois em um acordo entre Caxias e Inhaúma, o plano seria de forçar Curupaity e manter-se abaixo de Humaitá, bombardeando ambas as posições, visando minar as defesas de Humaitá.

A esquadra encouraçada composta então por dez navios partiria ao amanhecer com o *Brasil* à frente com o pavilhão do almirante e rebocando o aviso ao vapor *Lindoia*. Os outros navios seguiriam uma ordem pré-estabelecida, passariam pelo canal da esquerda por baixo das baterias inimigas evitando assim os torpedos que sabidamente estavam no canal da direita, fora o *Brasil* os únicos navios que levariam outra embarcação a reboque eram o *Colombo* e o *Cabral* com as chatas: *Cuevas* e *Riachuelo* respectivamente (antigas chatas 1 e 2, a 3 foi nomeada como *Mercedes*).

Os encouraçados não deveriam responder ao fogo inimigo, cabendo isso aos navios de madeira que avançaram para apoiar a passagem, mesmo assim o *Tamandaré*, abrindo suas portinholas para disparar tiros de metralha ao inimigo que lhe estava muito próximo, teve seu interior invadido por esti-

lhaços, atingindo o comandante no braço e mais alguns homens, a máquina do navio foi também atingida, resultando a belonave parar em frente à bateria, tendo o *Silvado* o tomado a reboque. O *Colombo* desgovernou-se em frente às baterias tendo de largar a chata que rebocava, a qual foi agarrada rio abaixo pela frota de madeira, o *Cabral* sob o comando de Jerônimo Francisco Gonçalves conseguiu levar a chata que rebocava tendo desativado uma hélice que atrapalhava a marcha de seu navio.

Algumas embarcações tinham um péssimo governo devido à sua construção, o *Cabral* e *Colombo* não fogem a isso, adicionar um reboque tornaria mais perigosa a travessia, pois criaria uma maior força de arrasto, promovida pelo canal escolhido ser o de maior velocidade de corrente. O depois General José Bernardino Bormann<sup>31</sup> registrou em seu livro:

“O valente Comandante Jerônimo Gonçalves, do *Cabral*, que trazia a reboque uma chata, com um morteiro, a *Riachuelo*, á força de habilidade e de grande valor, conseguiu, governando com uma hélice somente, chegar com a sua bateria flutuante a seu destino; uma outra, que vinha a reboque do *Colombo*, foi abandonada para se poder governar o navio.”<sup>32</sup>

Um correspondente do Jornal do Comércio contido em Pereira da Costa registrou:

“O almirante tinha ordenado que o *Colombo* e o *Cabral* rebocassem duas chatas de morteiros, porém o primeiro atravessou logo ao subir e teve de soltar a que conduzia, e assim só chegou a que rebocava o *Cabral*. Nisso ainda o bravo Gonçalves sustentou a reputação brilhante que tem adquirido nesta campanha. Custou-lhe muito desempenhar a sua comissão; foi obrigado a andar com um hélice só para poder governar, mas enfim conseguiu. A chata chama-se *Riachuelo* e já tem atirado excelentes bombas sobre Humaitá. Esta já não está mais virgem, já se lhe enxergam rombos e sofreu um incêndio.”<sup>33</sup>

Os grandes morteiros que essas chatas possuíam eram ideais para bombardear a fortaleza de Humaitá, o que justifica o risco de rebocarem-nas em tão perigosa passagem, o período de carência de víveres e combustível que todos sabiam que a esquadra passaria com os parcos suprimentos que receberiam pela estrada naval, tornavam as chatas bombardeiras ideais para esse tipo de ação, sendo facilmente colocadas onde a artilharia inimiga não pudesse acertá-las pelo aviso *Lindoia*.

### VILA DO PILAR

Com o objetivo de isolar completamente a fortaleza de Humaitá os aliados empreenderam diversos reconhecimentos do lado esquerdo do Rio Paraguai, visando conhecer e mapear o local das futuras operações, essas investidas em território inimigo eram na maioria das vezes empreendidas por forças de cavalaria, guiadas por prisioneiros paraguaios. Na expedição de 08 de setembro de 1867, forças brasileiras e argentinas com missão de reconhecer diversos passos em rios da região, pontes, e as vilas de Pilar, Tagy (ou Taji) e Laurelles se depararam com fogo naval e desembarque na primeira dessas vilas.

Enquanto algumas forças paraguaias com artilharia em terra estavam sendo batidas em uma localidade próxima, um vapor inimigo surgiu e começou a bombardear o acampamento, atracando-se ao porto e disparando metralha, desembarcou força de infantaria, que logo foi batida e levada a lançar-se na água pela tropa brasileira, sendo recolhida pelo vapor, por espaço de uma hora essa embarcação duelou contra as forças de terra. Quando novamente o reconhecimento pelos engenheiros era feito, surgiram mais dois vapores carregados de gente, sendo que um rebocava uma chata que principiou a atirar granadas, a mesma foi colocada atrás de uma ilha, e segundo Thompson estava armada com um canhão de calibre 8 polegadas, esses vapores não chegaram a descarregar tropa em terra, tendo os brasileiros e argentinos feito o levantamento e batido a partida inimiga, empreenderam volta ao acampamento.

### VILA DO TAGY

Com o intuito de cortar a comunicação de Humaitá pelo rio, Caxias organizou nova expedição a 29 de outubro de 1867 com o intuito de reconhecer novamente Pilar, Laurelles e se apossar de Tagy, a primeira estava deserta, a segunda parecia bem fortificada, mas era inútil pela localização, na terceira as forças paraguaias estavam se entrincheirando a mando do Marechal López, que havia incumbido Thompson de fortificar aquela localidade por sua importância. A força brasileira estava a mando de João Manuel Menna Barreto e dispunha de artilharia, assim que se deu o combate, forças navais estacionadas no rio começaram a ofender os atacantes com bombas, metralha e fuzilaria:

“Os brasileiros levaram os paraguaios de vencida até a borda do rio; muitos lançaram-se nele na esperança de alcançar os vapores. Como estes continuassem a atirar para terra, Menna Barreto estendeu a infantaria em linha pela margem do Paraguai e mandou a artilharia tomar posição na baranca parra atacá-los. O fogo continuou por espaço de duas horas. Um dos três vapores foi posto a pique (*o Olimpo*) e outro incendiado (*o 25 de maio*); o terceiro (*Igurei*) logrou fugir.”<sup>34</sup>

Thompson não cita a chata artilhada que estava com a esquadilha e também foi afundada, além disso, a uma discordância nos nomes das embarcações, para Thompson<sup>35</sup>, os navios eram: *Olimpo*, *25 de maio* e *Yporá*, respectivamente. Em uma correspondência argentina contida em Pereira da Costa<sup>36</sup> têm-se as seguintes embarcações: *Bispo*, *25 de maio*, *Pirabebé* e mais a chata artilhada. Fragoso corrobora com a informação de Rio Branco e é de crer que tenha fundamento, pois se a embarcação que logrou fugir tivesse uma das rodas de propulsão despedaçadas, ela certamente usaria a corrente do rio a seu favor para mais rapidamente impelir o barco fora do alcance da artilharia inimiga. Os navios que prestaram grandes serviços após a tomada de Tagy e a passagem de Hu-

maitá foram o *Tacuary* e o *Igurei*, o mesmo que provavelmente escapou dessa batalha.

Uma embarcação foi totalmente destruída, outra ficou a flor d'água e pôde ser retirado material após o combate, a chata foi afundada a canhonaços e o último vapor fugiu seriamente avariado. Logo após a tomada de Tagy foi erigida uma fortificação e atravessada uma corrente de margem a margem do rio, cortando a rota de suprimentos por água para Humaitá, que mais tarde habilmente os paraguaios souberam contornar utilizando os vapores que ficaram abaixo do ponto ocupado.

## HUMAITÁ

O bombardeio a essa praça forte durou em torno de seis meses até a primeira passagem de Humaitá, o mesmo continuou até a evacuação dessa praça em julho de 1868. A chata *Riachuelo* tomou parte nesses bombardeios em conjunto com as que abaixo ficaram ofendendo Curupaity e o acampamento disposto no quadrilátero. Com a evacuação de Curupaity as chatas *Riachuelo* e *Mercedes* foram rebocadas para a lagoa Pires, com outras embarcações para incrementar o bombardeio do acampamento inimigo. Após algumas ações de cerco efetuadas no chaco o almirante decidiu pelo seguinte modo de agir:

“O vice-almirante mandou que três chatas armadas fossem para uma lagoa, que se ficou chamando em sua honra Inhaúma (antiga lagoa Amborocuê), donde atiraram com muita certeza sobre Humaitá. Deu o comando desta pequena divisão naval ao Segundo-Tenente José Carlos de Carvalho, oficial que, apesar da pouca idade, portou-se com muito valor e fez bons serviços. Estas embarcações fizeram fogo sobre a direita do inimigo com muita precisão e necessariamente produziram grandes estragos, colocadas como estiveram a menos de 2000 metros da praça.”<sup>37</sup>

Tal ação ocorreu no momento em que se ocupava o Chaco, em que parte da guarnição

de Humaitá já havia se retirado, e o cerco e bombardeio a cada dia apertava-se mais. As chatas podiam operar em águas rasas rebocadas por pequenas lanchas a vapor e estavam armadas com grossos canhões ou morteiros, algo que em terra seriam de difícil mobilidade devido ao terreno pantanoso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Provavelmente foram construídas cerca de dez chatas, sob supervisão do Engenheiro Desidério Trujillo, buscava-se inicialmente aumentar o poder ofensivo da Marinha Paraguaia, porque não se podiam montar canhões pesados nos pequenos navios mercantes que compunham quase que exclusivamente essa armada. Além de elemento ofensivo as chatas se prestavam a defesa pelo característico modelo de que eram fabricadas. Dentre os feitos defensivos efetuados por essas embarcações sobressai-se o combate da ilha da Redenção, onde uma chata paraguaia foi postada à noite embaixo da bateria de Itapirú, visando proteger a canoas que iriam empreender assalto a referida ilha, a canhoneira *Henrique Martins* foi atingida a lume d'água nesta ocasião, e conseguiu a muito custo encalhar-se para remediar suas avarias.

Na batalha do Riachuelo, apesar de todas serem perdidas, a *Belmonte* foi seriamente atingida por uma chata, privando a esquadra brasileira do uso dessa excelente canhoneira. Os sucessos das chatas principalmente ao mando do Capitão Tenente José Maria Fariña, que passou a ser considerado como herói das chatas, são referentes aos embates desiguais que atormentavam a esquadra estacionada nas imediações de Itapirú. A catástrofe a bordo do *Tamandaré*, quando já em retirada, foi tocado por um ou dois disparos que adentraram em sua casamata, provocando mortes e ferimentos em dezenas de pessoas da guarnição. Caso semelhante aconteceu a inúmeros navios sobressaindo-se de *Brasil*, *Bahia* e *Barroso* que foram tocados por dezenas de balas nas ações da “guerra das chatas”. Os aliados também as utilizaram com grande proveito nos bombardeios por elevação, contra as fortalezas às margens do Rio Paraguai.

As chatas deixaram de ser utilizadas pelos dois lados contendores em meados do ano de 1868, sendo os motivos diferentes, cabe ressaltar os prováveis fatos que redundaram no abandono da operacionalidade das chatas artilhadas na campanha do Paraguai. A armada brasileira que começou a utilizar de chatas tomadas em Riachuelo encerrou as atividades das mesmas logo após o abandono de Humaitá, como registra o diário do Almirante Inhaúma, sendo ordenado o desartilhamento das embarcações que estavam na lagoa Amborocué. Os prováveis motivos dessa atitude são devidos a: queda de Humaitá e prosseguimento das operações; maior número de embarcações disponíveis na Marinha Imperial, logo totalizando 16 encouraçados e aumento no número de navios de madeira, elevando o potencial de fogo com mobilidade própria; guerra de movimento, em combinação com o exército a esquadra foi sucessivamente subindo o rio e ultrapassando os pontos de Timbó, Tebiquary e Angostura sem elevada resistência, como em Humaitá; as operações combinadas com as forças de terra visaram o envolvimento de Angostura, tendo parte da força sitiado essa praça forte, enquanto outra parte prosseguia com os combates com o grosso das tropas de Solano Lopez; campanha da cordilheira, onde o aparato naval foi diminuído e os navios passaram a explorações, bloqueios e transporte logístico sem ençatarem-se bombardeios a posições em terra.

Do lado paraguaio, as chatas que começaram a ser utilizadas em Coimbra estive-

ram em combate até a tomada definitiva de Itapúa, onde a última que consta na bibliografia consultada foi afundada. A mudança da guerra ofensiva para a defensiva, cada vez mais embrenhando-se em território paraguaio; a diminuição do número dos canhões de grande calibre devido às perdas em combates; a maior vantagem defensiva de ter os canhões em terra em barbete para a defesa dos artilheiros, que estariam expostos a tiros rasantes ao nível d'água com a utilização dos novos monitores recém-chegados da corte; a menor largura do canal acima da confluência do Paraná que possibilitava pontaria de infantaria do lado do Chaco aos artilheiros, como aconteceu em Curupaity com as baterias de terra que ficavam expostas; e por final a campanha da cordilheira que excetuando a atividade no Rio Manduvirá, se tornou totalmente terrestre, tais fatores presumivelmente contribuíram para as chatas nesse novo período da guerra se tornarem obsoletas.

A necessidade de poder de fogo devido à desproporção militar com o inimigo fizera das chatas, no momento em que topograficamente lhes eram favoráveis, instrumentos de guerra fantásticos que surpreenderam os que com elas duelaram, fato que pode ser observado em qualquer livro de memórias dos então combatentes, a ousadia, coragem e abnegação de ambos os contendores ficou gravada em nomes como: Trujillo, Fariña, Mariz e Barros, Hoonholtz e tantos outros que fazem parte da história de ambas as nações envolvidas.

---

<sup>1</sup> HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2007.

<sup>2</sup> HOUAISS, op. cit.

<sup>3</sup> HOUAISS, op. cit.

<sup>4</sup> MOTTA, Arthur Silveira da. (Barão de Jaceguay). *De Aspirante a Almirante – Minha fé de Ofício Documentada*. 2 volumes, 2ª Edição, Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro, 1985.

<sup>5</sup> THOMPSON, George. *A Guerra do Paraguai, com um esboço histórico do país e do povo paraguaio, e notas sobre a engenharia militar durante a guerra*. Tradução: Homero de Castro Jobim. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1968.

<sup>6</sup> THOMPSON, op. cit. P. 72.

<sup>7</sup> HOONHOLTZ, Antonio Luis Von. *Memórias do Almirante Barão de Tefé: a Batalha Naval do Riachuelo*. Rio de Janeiro, Editora Livraria Garnier Irmãos. Sem Data.

<sup>8</sup> HOONHOLTZ, op. cit. P. 56.

<sup>9</sup> SCHNEIDER, Louis. *A guerra da tríplice aliança contra o governo da república do paraguay (1864-1870)*. Tradução: Manoel Thomaz Alves Nogueira e anotado por José Maria da Silva Paranhos. 3 Volumes. Rio de Janeiro, Editora. Garnier, 1902.

<sup>10</sup> COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da Guerra do Brasil Contra as Republicas da Uruguay e Paraguay*. 4 volumes. Livraria de A. G. Guimarães e Cia. Rio de Janeiro, 1870.

<sup>11</sup> FIGUEIREDO, Afonso Celso de Assis. (Visconde de Ouro Preto). *A Marinha D'outrola: (subsídios para a história)*. Coleção Jaceguay, 3ª edição, Serviço de Documentação da Marinha. Rio de Janeiro, 1981.

- <sup>12</sup> MOTTA, op. cit.
- <sup>13</sup> BURTON, Richard Francis. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Tradução: José Lívio Dantas. Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1997.
- <sup>14</sup> CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra Del Paraguay*. 4 Tomos. Imprenta de Obras, de J. A. Berra-Bolívar, 455. Buenos Aires, 1897.
- <sup>15</sup> DOMÍNGUEZ, César Cristaldo. *Las Batallas Navales* (guerra de la triple alianza). Colección 150 años de la Guerra Grande, n. 10. Editora El Lector. Asunción, Paraguay, 2013.
- <sup>16</sup> SCHENEIDER, op. cit. Volume 1. P. 110.
- <sup>17</sup> SALERNO, Osvaldo; COLOMBINO, Carlos; ESCOBAR, Ticio; ALMEIDA, Carlos. *Cabichuí Periódico De La Guerra De La Triple Alianza*. (Ano 1, nº 69, 30 de dezembro de 1867). Ed. Museo Del Barro, Asunción, 1984.
- <sup>18</sup> HOONHOLTZ, op. cit. Pp. 60-67.
- <sup>19</sup> HOONHOLTZ, op. cit. P. 57.
- <sup>20</sup> ANTUNES, Euzébio José. *Memórias das campanhas contra o estado oriental do Uruguai e a República do Paraguai: durante o comando do almirante visconde de Tamandaré*. Rio de Janeiro. Serviço de documentação da Marinha, 2007.
- <sup>21</sup> ANTUNES, op. cit. P. 127.
- <sup>22</sup> ANTUNES, op. cit. Pp. 143 a 145.
- <sup>23</sup> THOMPSON, op. cit. P. 109.
- <sup>24</sup> THOMPSON, op. cit. P. 112.
- <sup>25</sup> COSTA, op. cit. Volume 2. P. 397.
- <sup>26</sup> AZEVEDO, Carlos Frederico dos Santos Xavier. *História Médico-Cirurgica da Esquadra Brasileira nas Campanhas do Uruguay e Paraguay de 1864 a 1869*. Typographia Nacional. Rio de Janeiro, 1870.
- <sup>27</sup> REBOUÇAS, André. *Diário A Guerra do Paraguai (1866)*. São Paulo. Editora: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1973.
- <sup>28</sup> COSTA, op. cit. Volume 2. P. 439.
- <sup>29</sup> THOMPSON, op. cit. P. 113.
- <sup>30</sup> COSTA, Op. cit. Volume 2. P. 432.
- <sup>31</sup> BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay*. Curitiba. Imprensa Paranaense, 1897.
- <sup>32</sup> BORMANN. Op. cit. Volume 2. P. 36.
- <sup>33</sup> COSTA. Op. cit. Volume 3. P. 384.
- <sup>34</sup> FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 5 volumes. Imprensa do Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1934. Volume 3. P. 315.
- <sup>35</sup> THOMPSON. Op. cit. P. 186.
- <sup>36</sup> COSTA. Op. cit. Volume 3. P. 448.
- <sup>37</sup> COSTA. Op. cit. Volume 3. P. 583.